

ANTROPOLOGIA PASCALIANA, O CORAÇÃO DA RAZÃO E AS RAZÕES DO CORAÇÃO

*Fábio Gumieiro¹
Patrick Henrique Vaz²*

54

RESUMO: O presente artigo visa expor um mapa panorâmico sobre a historicidade do conceito de coração e seus significantes. Para tal percurso, perpassar-se-á na historicidade egípcia, grega, e cristã do conceito e sua culminância no pensamento do filósofo francês Blaise Pascal. Tal pensador no afã de elaborar sua apologia à fé cristã centrada no homem com sua grandeza e sua miséria fez do cerne de sua filosofia, a raiz mais profunda do ser humano, a que o filósofo chama de Coração fundante da razão e ao mesmo tempo pela razão fundado. Por último, este artigo se propõe a comparar e atualizar o pensamento pascaliano ao do pai da psicanálise, Sigmund Freud.

Palavras-chave: Blaise Pascal. Coração. Razão. Grandeza. Miséria. Freud. Psicanálise.

RÉSUMÉ: Cette recherche vise à exposer une carte panoramique sur l'historicité du concept de cœur et ses significations. Premièrement, cet itinéraire surmonter l'historicité égyptienne, grecque et chrétienne du concept et son point culminant dans la pensée du philosophe français Blaise Pascal. Un tel penseur au cours de élaborer sa apologie à chrétienne centrée dans l'homme avec sa grandeur et sa misère a fait le cœur de sa philosophie, la plus profonde racine de l'être humain, auquel le philosophe appelle la fondation du cœur de la raison et dans le même temps la raison fondée. Enfin, cet recherche a pour but de comparer et mettre à jour la pensée Pascal au père de la psychanalyse, Sigmund Freud.

Mots clé: Blaise Pascal. Coeur. Grandeur. Misère. Racine. Freud. Pschanalyse.

¹ Mestre em Cultura e Sociedade. Professor da Faculdade Vicentina.

² Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Vicentina (FAVI).

INTRODUÇÃO

Blaise Pascal, (1623- 1662) ínclito físico e matemático, deixou um inegável legado reconhecido até nossos dias. Suas obras Pascal abrangem desde problemas geométricos, teológicos a complexidade das calorosas disputas filosóficas do século XVII.

Em sua mais notória obra, “Pensamentos” está contida a suma de sua reflexão antropológica. Esta, demarcada por seu pensamento cristão, expõe desde a queda da natureza Adâmica o “teatro da vida”, onde o homem sem máscaras contempla ao drama de suas misérias.

Essa reflexão emerge de sua própria história de vida, marcada em máxima por sua conversão ao catolicismo, de tal modo que ao nome de “Pensamentos” Pascal faz as suas “Confissões” como o fez Santo Agostinho, filósofo base para o entendimento pascaliano.

À luz desse cenário, este artigo tem por central objetivo responder: como a epistemologia pascaliana inaugura uma nova concepção antropológica? Sendo que para tal percurso explicar-se-á o contexto histórico filosófico de Pascal demarcado pelas filosofias cétricas e estoicas, sobre a miséria e a grandeza humana.

Nisso expressa-se sua atualidade, na exposição de uma epistemologia que visa expor o verdadeiro conhecimento humano que se estabelece no cerne, ou seja, na interioridade humana, e, por tal motivo, Pascal faz enquanto “coração” de sua epistemologia a antropologia humana e sua dramática existência. Mas não se bastando em expor aos limites epistemológicos, o filósofo avalia e apresenta, se antecipando em três séculos, o grande cerne da psicologia moderna, o inconsciente.

1. INFLUÊNCIAS HISTÓRICO-FILOSÓFICAS E RELIGIOSAS DE BLAISE PASCAL

1.1 FILOSOFIA GREGA

Desde de seu proêmio na Grécia Antiga, a filosofia buscou esquadrihar a gnose de tudo o que ultrapassa a faculdade dos sentidos humanos e da physis³. A exemplo disso tem-se Platão que, quatro séculos antes de Cristo, expunha

³ Palavra grega, φύσις, que significa natureza.

em sua filosofia que o homem deveria buscar a reminiscência essencial das verdades puras, que outrora haviam sido contempladas pelas almas nos espaços infinitos, o mundo das ideias. Concluindo, o filósofo que o conhecimento puro e real ultrapassaria as faculdades sensitivas humanas e apenas dar-se-ia na “alma”⁴ do homem virtuoso.

1.2 CORAÇÃO NO CERNE DA RELIGIOSIDADE EGÍPCIA

No mesmo segmento do termo alma aplicado na Grécia no cerne da cultura Egípcia antiga empregou-se o termo “coração”. Este compreendido de dois diferentes modos conforme Moraes (2014 p. 29): num primeiro termo, “Hati”, designando-se ao coração físico ou a caixa torácica; e numa segunda terminologia, “Ib”, pelo qual exprimia-se a metafóricidade do coração.

56

É no Ib que os textos egípcios centram a vida moral e a sede dos sentimentos: amor, coragem, vontade; além de ser também a sede das faculdades intelectuais do homem: sabedoria, espírito, inteligência, pensamento, memória, etc...”. (MORAES, 2014, p. 30).

A notoriedade da primordial importância do “coração” para a civilização egípcia exteriorizava-se em suas celebrações fúnebres, onde em seu sumo ato dever-se-ia por sobre o coração desfalecido um escaravelho⁵. A este caberia pedir para que o “Ib” tomado por suas razões e emoções, durante a travessia dos mortos, não se despontasse contra seu próprio dono, mas também “o amuleto do coração [...] protegia o Hati, porque ao proteger o órgão, os movimentos corporais estariam assegurados” (CÉSAR, 2009, p. 137) para o dia da ressurreição.

1.2.1 Influências egípcias concomitantes no judaísmo

Apesar de a filosofia do coração, conforme o que expõe Guillaumont (1950, p. 42), estar primeiramente empregada no cerne da cultura egípcia, esta com o

⁴ O termo alma em grego $\Psiυχ\eta$ conforme Isidro (1990) tem vários significativos, sendo seus principais: entendimento, conhecimento e coração.

⁵ Besouro de cor negra típico de países do mediterrâneo.

transpor do tempo passou a ser também empregada em comum entendimento entre os povos semitas⁶, dentro dos quais estava o povo Hebreu, de onde veio o cristianismo.

Entretanto, na cultura hebraica ao lugar de “Ib” com a mesma acepção passou-se a usar o termo “Leb”, o que expõe mais que “uma mentalidade partilhada pelas pessoas que habitam a região que hoje conhecemos como oriente próximo” (MORAES, 2016, p. 32), mas principalmente uma “psicologia” resultante de um conjunto de conhecimentos sobre o homem.

1.3 COMPILAÇÃO HISTÓRICO-RELIGIOSA E FILOSÓFICA DO TERMO “CORAÇÃO” NO CRISTIANISMO E A INFLUÊNCIA SANTO AGOSTINHO

Nos primeiros séculos depois de Cristo, com o surgimento e ascensão do cristianismo o termo coração passou a ser empregado na língua grega como “Kardia” e depois em latim como “Cor”, sede da decisão, da liberdade e da racionalidade (VIGOUROUX, 1912, p. 822). Assim o cristianismo em si copulou a historicidade religiosa do coração ao mesmo tempo que inaugurou sobre este um novo entendimento, o que fora realizado de modo singular pela filosofia agostiniana.

Agostinho de Hipona (314-430), filósofo e bispo católico, trazendo consigo toda esta carga histórico-filosófica religiosa, sistematiza a filosofia do coração, inaugurando assim uma filosofia ou, conforme a escrita latina uma “Philosophia cordis”, conceito inaugurado por Anton Maxsein em 1954.

Para una “filosofia del corazón” de la cual varios autores habían hablado ya, el Dr. Maxsein estima necesario descubrir en el corazón el centro del hombre, en el sentido de que su índole psicossomática [...]; y cree encontrar en el lenguaje de san Agustín que “cor” es el centro, la raíz, el núcleo esencial del hombre [...] la potencia fundamental en la que todas las fuerzas del alma radican y a partir de la cual se desarrollan.⁷ (PEZA, 1962, p. 30).

⁶ Termo exposto pela primeira vez no livro do Genesis a cerca de 1500 a.C que designava a um grupo étnico-linguístico atualmente denominado de judeus.

⁷ “Para uma filosofia do ‘coração’ da qual vários autores já haviam falado o Dr Maxsein estima necessário descobrir no coração o centro do homem, no sentido de que sua natureza psicossomática; e crê encontrar na linguagem de Santo Agostinho que ‘cor’ é o centro, a raiz, o núcleo essencial do homem, a potência fundamental onde todas as forças se enraízam e a partir das quais se desenvolvem” (tradução nossa).

Agostinho de Hipona dessa maneira apresenta o coração com toda a sua historicidade: o coração (alma) conforme os gregos que carrega consigo verdades inatas outrora contempladas em espaços infinitos; o coração conforme a cultura Egípcia enquanto sede da vida moral e sentimental; mas também inaugurando o santo um novo entendimento sobre este “órgão da fé”, o coração enquanto moradia, habitação do próprio Deus.

1.4 ESCOLÁSTICA E A REASCENSÃO DA FILOSOFIA AGOSTINIANA

Com a ascensão da escolástica⁸ no século IX a filosofia de Agostinho acabou por ser “posta de lado”. Seu retorno dar-se-ia apenas próximo ao findar da medievalidade ao ser então redifundida⁹ pelos Bizantinos Doutos no século XV (REALE, 2007, p.31).

Em 1640, ganhando força o neoplatonismo com o passar dos anos, Cornélio Jansênico (1585-1638) doutor em teologia pela Universidade de Louvain e bispo de Ypres, após 22 anos de estudos sobre as obras de Agostinho publicou em três volumes sua obra intitulada *Augustinus, seu doctrina sanctu Augustini de humanae naturae sanitate aegritudine, medicina ad versus Pelagianos et Marsilienses*. Neste livro, Jansênico disserta que a humanidade após ser expulsa do paraíso não poderia fazer outra coisa por si mesma do que pecar. Deste modo se põe em exposição a grande miséria humana após a queda adâmica.

Esse pensamento fora grandemente difundido por toda Europa, ganhando muitos opositores, mas também defensores, sendo “na França o centro do jansenismo [...] o mosteiro de Port-Royal” (REAVELE, 2007, p. 164), mosteiro cisterciense com o qual, conforme Mora (2001, p. 1579-1581), Blaise Pascal teve contiguidade em 1646.

⁸ O termo escolástica veio da língua grega (σχολαστικός: aquele que pertence a uma escola ou instruído ou ainda estudioso) designa a um método filosófico-teológico vigente entre os séculos IX ao XVI que buscou conciliar a fé cristã com a filosofia grega, em especial a de Aristóteles. Tendo este movimento como magnânimo precursor Tomás de Aquino (1225-1274).

⁹ Neologismo. Aquilo que foi novamente difuso.

2. BLAISE PASCAL

2.1 VIDA E CONVERSÃO AO CRISTIANISMO DE PASCAL

Blaise Pascal nasceu em 1623, de precoce genialidade, desde a puerícia foi instruído pelo pai, Etienne Pascal (1588 –1651), nas letras e na matemática, para qual demonstrara o menino notável potencialidade de tal maneira que aos seus 16 anos já fazia parte do cenáculo científico do padre Marin Mersenne (1588 —1648) ao qual faziam pertença os grandes cientistas da época, como por exemplo os correspondentes Descartes e Galileu (GILSON, 2007, p. 170).

Em 1646, o pai de Pascal, Etienne Pascal, fraturou a perna após cair sobre o gelo, sendo então confiado ao cuidado de dois médicos que durante três meses buscaram tratar da saúde corporal e espiritual de toda a família. Deste tempo demarca a conversão primeira conversão de Pascal e conversão de sua família ao catolicismo, de tal profícuo modo que sua irmã Jacqueline se decidiu em torna-se uma consagrada, vindo a ingressar no mosteiro de Port-Royal, o que fora feito em 1651 após a morte do pai.

Entretanto, Blaise Pascal filósofo-apologista da fé cristã “surgiria” apenas após a sua segunda “conversão”, em 1654. A partir deste ano, Pascal passou então a ser conduzido espiritualmente por Antoine Singlin (1607-1664), de um diálogo com este deveio os escritos “Conversação com o senhor de Saci sobre Epicteto e Montaigne”. Neste livro fora exposto um debate em torno da filosofia de Epicteto sobre a grandeza humana e de Montaigne que em oposição expunha apenas a corrupção dos homens. Deve-se a esta discussão algumas das reflexões apresentadas no livro de apologia cristã de Pascal chamado “Pensamentos”.

2.2 ANTROPOLOGIA E EPISTEMOLOGIA

Notável apologista católico Blaise entende que antes de viver em seu estado hodierno tivera o homem no paraíso uma natureza simples fundamentada apenas na grandeza humana. Entretanto, conforme o mito criacional hebraico-cristão do Gêneses, na avidez de Adão em ser como Deus adveio a segunda natureza humana, pois este ludibriado pela serpente buscando ser grande faz-se pequeno, buscando se onipotente torna-se miserável. Desta maneira sendo “perdida a natureza verdadeira, tudo se torna sua natureza; assim, perdido o verdadeiro bem, tudo se torna seu verdadeiro bem” (PASCAL, p. 142).

Todavia no afã de sua filosofia Blaise Pascal ao conjecturar sobre a condição humana e sua miséria oriunda da corrupção adâmica não restringiu o ser humano a este único aspecto como fazia o ceticismo vigente em seu contexto, mas entendendo ao homem enquanto um ser dual somou a este também o aspecto da grandeza próprio do racionalismo. “Numa palavra, o homem sabe que é miserável. Ele é, pois, miserável, de vez que o é; mas é bem grande, de vez que o sabe” (PASCAL, 1973, p. 139). Assim o conhecimento de seu estado, o “saber” se torna o processo que permite ao homem sair de sua miséria, tornando-se a epistemologia a chave para a antropologia humana.

Assim sendo, a primeira natureza humana corrompida pelo pecado original tendo como consequência o afastamento da “verdade e da felicidade” (PASCAL, 1973, p. 149) a reconstrução desta propriedade primeira só pode se dar através da busca da verdade que quando feita dentro do âmbito científico deverá ser conduzida por um método, o “espírito geométrico”.

60

2.3 ESPÍRITO GEOMÉTRICO

Antes de filósofo, Blaise Pascal foi um íncito matemático e por tal motivo o mesmo compreendera a necessidade de se acrescentar as letras (ao pensamento) à lógica própria dos números. Assim expunha o filósofo que a busca da verdade no meio científico dever-se-ia acontecer seguindo um método, que fora chamado de “espírito geométrico”.

Devido à não aceitação o método de Cartesiano que tinha por princípio definir todos os termos e demonstrar todas as proposições, por considerar que “certamente este método seria belo, mas é absolutamente impossível” (PASCAL, 1973, p. 349). Tal impossibilidade se fundava na necessidade de uma infinita regressão no tentame de definir essencialmente aos termos e proposições. Por tal motivo Pascal inaugura o “método geométrico” que, em oposto ao de Rene Descartes (1596 -1650), se consistia na não necessidade de definir os princípios, por serem estes para Blaise claros e evidentes.

Se a evidência dos princípios, no método geométrico, desobriga a razão a fornecer uma demonstração, o mesmo fato acontecerá com ela no tocante às

definições. Pascal desautorizará a razão a fornecer uma definição às palavras primitivas. O método geométrico nos ensina mais uma vez que as definições não são do campo da razão. (MORAES, 2016, p. 241)

Por natureza, o homem compreende certas coisas, de tal maneira, que seria inútil discuti-las, como por exemplo: “a parte ser menor que o todo”. A investigação a partir do “espírito geométrico” “pressupõe, portanto, que se saiba qual é a coisa que se entende [...] e, sem se deter em defini-las inutilmente, penetra em sua natureza e descobre suas maravilhosas propriedades” (Pascal, p. 351).

Sendo que para tal empreendimento, no balbucio de penetrar a natureza, conforme Reale (2007, p. 176), dever-se-ia fundar-se em três princípios: 1) definição clara dos termos, ou seja, das palavras de modo a não admitir termos obscuros, equívocos ou sem definição; 2) utilização de princípios e/ou axiomas evidenciados pela prova; 3) demonstração a partir da substituição mental dos termos pelas definições.

Todavia embora o princípio de “investigação geométrica” permita o ordenamento científico e o lógico raciocínio, Pascal declarado crítico da onipotência racional, considera que por estarem os cientistas tão “acostumados aos princípios nítidos e grosseiros, próprios da geometria” (Spengler, p. 69) estes acabam por conhecerem a natureza das coisas, mas se esquecem de sua própria natureza sendo por tal motivo essencial mais um princípio de conhecimento, a que Pacal chama de “Espírito de fineze”.

2.4 ESPIRITO DE FINESE, O CORAÇÃO COMO FONTE DE CONHECIMENTO

Enquanto o “espírito geométrico” permite ao homem conhecer acerca do que é demonstrável o “espírito de fineze” adentra ao campo do que é indemonstrável. Servindo este conhecimento unido ao “espírito geométrico” de maneira a complementar e ponderar o espírito humano em sua totalidade.

Compreende-se uma necessidade de relação entre os dois espíritos afim de equilibrarem a alma, haja vista, que aquele que se volta apenas a seus feitos científicos (“espírito geométrico”) cairia na vã glória, enquanto que aquele que ignora ao saber “geométrico” convergindo deste modo apenas ao “espírito de

finese” acabaria por ser dominado pelas paixões e se perder no labirinto das razões que sua própria razão não compreende.

Encontrando-se uma vez corrompida a natureza humana o homem se encontra perdido na busca da felicidade. Por tal motivo se faz necessário um retorno a sua natureza primeira, um retorno aos princípios, não apenas aqueles que dão base aos termos e preposições, dos quais faz uso o espírito geométrico, mas aos princípios do próprio homem.

Conhecemos a verdade não só pela razão, mas também pelo coração; é desta última maneira que conhecemos os princípios, e é em vão que o raciocínio, que deles não participa, tenta combatê-los. [...] Pois o conhecimento dos princípios, como o da existência de espaço, tempo, movimentos, números, é tão firme como nenhum dos que nos proporcionam os nossos raciocínios. E sobre esses conhecimentos do coração e do instinto é que a razão deve apoiar-se e basear seu discurso. [...] Os princípios se sentem, as proposições se concluem; e tudo com certeza, embora por vias diferentes. E é tão inútil e ridículo que a razão peça ao coração provas dos seus princípios primeiros, para concordar com eles, quanto seria ridículo que o coração pedisse à razão um sentimento de todas as proposições que ela demonstra para recebe-los. (PASCAL, 1973 p. 112).

Todo conteúdo da razão, para o filósofo, deve provir do coração. Somente deste modo se é possível ao homem vencer sua miséria ontológica que o põe constantemente numa dualidade de ser frente a natureza tudo frente ao nada, nada frente ao tudo, um ponto intermediário (REALE, 2007, p. 180). Sendo tal percurso percorrido pelo próprio filósofo até sua morte em 1662.

3. A CRIAÇÃO DO NOVO HOMEM, O LOUCO

Os séculos seguintes a Descartes e Pascal são marcados pela dúvida a exterioridade e a busca às verdades interiores. A única certeza que o homem passou a ter é a de sua própria existência, “solus ipse”¹⁰. “A razão humana” fora coroada neste contexto em seu sumo ápice abismando homens de animais de tão colossal modo que por homem se passou a entender por ser racional e animal enquanto irracional.

¹⁰ “Eu só”.

Sendo a razão a estremar a humanidade da animália passou-se no século XVII a notar pessoas que fugiam ao padrão tido como “normal”, ou “racional”, os quais foram nomeados de loucos “daí as práticas de dominação da loucura, num certo período, terem adquirido características idênticas às empregadas para se domar um animal bravo. Loucura, além de desrazão — ou precisamente por isso — é furor” (ROSA, 1995, p. 28).

Veloso Filho (p. 23, 2005), explanando sobre o recurso terapêutico dado aos tidos “loucos”, a partir de uma abordagem histórica de Foucault, expõe que “o hospital do século XVIII devia criar as condições para que a verdade do mal explodisse”. Tal método medicinal perdeu até meados do XIX de tão proeminente modo que denota-se que aqueles que deveriam obsequiar a melhora dos males psicológicos, como à loucura e a histeria, muitas vezes eram os seus causadores.

Fora somente no mediano do referido século, Az| que a medicina segmentou as doenças psicológicas em dois grupos: um primeiro “com uma sintomatologia regular e que remetiam a lesões orgânicas identificáveis pela anatomia patológica” (Rosa, p. 32) e outro grupo com “as neuroses — que eram perturbações sem lesão e nas quais a sintomatologia não apresentava a regularidade desejada” (Idem).

Neste contexto emergiram novas técnicas de tratamento aos doentes psicológicos que não apresentavam lesões cerebrais. A mais importante técnica deste período foi conhecida por um jovem médico, Sigmund Freud, no inverno de 1885. Este decepcionado com os efeitos colaterais de uma nova e até então esperançosa droga, cocaína, conheceu no Hospital Salpêtrière em Paris um renomado médico, Charcot, “santo milagroso da histeria” (Rosa, 33) que utilizava de um método inovador chamado de “hipnose”.

3.1 GÊNESE DA PSICANALISE

Todavia, a aplicação deste novo método durou pouco, Freud começou a perceber que tal tratamento não fornecia uma cura prolongada, mas apenas um alívio passageiro da sintomatologia de seus pacientes. Por tal motivo o asclépio passou do uso da hipnose a aplicação de um método seu alcunhado de “livre associação”.

Na “livre associação”, o paciente ficava deitado num divã enquanto era encorajado a falar sobre suas ideias de modo espontâneo. Freud acreditava num “determinismo psíquico”, ou seja, em não haver aleatoriedade nas ideias

e ainda seria precisamente através destes pensamentos fortuitos seria possível conhecer a causa dos comportamentos anormais de seus pacientes.

No emprego de seu inovador método, Freud observou que por vezes seus pacientes adentravam nas sessões terapêuticas em pontos de pensamento dos quais não se buscava o enfrentamento, pelo contrário, estes eram pontos que os doentes lutavam para serem esquecidos. A esta parte do processo o médico nomeou de “recalcamento”.

“Quando me impus a tarefa de trazer à luz o que o ser humano mantém oculto dentro de si, não por meio da força compulsória da hipnose, mas observando o conteúdo da fala e do que ele revela, considerei a tarefa mais difícil do que realmente era. O indivíduo dotado de olhos para ver e ouvidos para escutar pode convencer-se da incapacidade de qualquer mortal de manter um segredo. Se os lábios estão silenciosos, ele conversa com as próprias pontas dos dedos; a traição esvai-se por todos os poros. E assim a tarefa de tornar consciente as reentrâncias mais ocultas da mente é provavelmente exequível” (Freud, 1905, p. 77-78).

64

O que se evidencia neste percurso para o médico Freud é que existia um conflito intrapsíquico causado por uma ideia reprimida e outra consciente. A primeira que lutava para vir ao estado de consciência e a segunda em pugnar para que isso não aconteça. As neuroses assim teriam sua raiz nas ideias encubadas no inconsciente, elas seriam razões que a própria razão lutava para desconhecer.

3.2 CONSCIENTE, PRÉ-CONSCIENTE, INCONSCIENTE E A FILOSOFIA DE PASCAL

No itinerário, Freud passou a dividir sinteticamente o aparelho psíquico em três partes: consciente; pré-consciente e inconsciente. A menor parte deste aparelho seria o consciente, suas primordiais funções seriam as de fornecer as sensações de aparência¹¹, tanto externas como internas, e de aplicar energia sobre os elementos, ou seja, ao consciente caberia o ato de agir do indivíduo (FREUD, 1982, p. 547).

¹¹ Para Freud assim como para Kant não se poderia conhecer jamais a coisa em si, mas apenas sua aparência. Assim o que a consciência tem são aparências do mundo externo e de si mesma (FREUD, 1982, p. 580).

No “pré-consciente” estariam as memórias acessíveis a “consciência”. Este seria o mediano entre a “consciência” e o “inconsciente”. Sendo que neste, no “pré-consciente”, se situariam as memórias passíveis de acesso pela “consciência”.

O “inconsciente” para Freud seria o próprio psíquico em sua realidade essencial, tendo como núcleo “representações pulsionais que aspiram descarregar seu próprio investimentos de desejo” (REALE, 2006, p. 65). Este traria consigo “desejos e pulsões dos quais o Ego se envergonha e que são mantidos freados pela censura exercida pelo Superego (ideias, valores e comportamentos da sociedade mais ampla)” (Idem).

Entretanto as teses deste magno pensador em seu advento não foram bem aceitas, em 1900 ao lançar seu livro intitulado “Interpretação dos Sonhos” Freud vendeu apenas cem cópias, isto porque para Eric Kandel faltavam as suas teorias comprovação por parte da ciência, o que no princípio da psicanálise “era impossível” (KANDEL, 2011, p. 3).

Somente cem anos depois da publicação do livro “Interpretação dos Sonhos” a neurociência comprovou as teses de Freud. No ano 2000 fora comprovado que era possível mapear no cérebro humano razões que a própria razão desconhecia, mas que se viam em mil coisas (PACAL, 1973, p 112). Ao exemplificar sobre isto Kandel expõe o exemplo de um jogo, assim como Pascal o fez no livro “Pensamento”.

Se gravar a atividade elétrica do meu cérebro, para ver qual é a atividade elétrica, você verá que, antes de decidir eu dou indicação de que vou decidir. Antes de decidir que quero pegá-lo, eu dou um sinal, vários milissegundos, um tempo significativo, antes de tomar a decisão. Assim, você sabe que vou tomar uma decisão, embora eu não saiba, porque você leu os sinais elétricos. Isso mostra que a decisão foi tomada inconscientemente. E isso vale para muitas coisas. (KANDEL, 20011, p. 3).

A comprovação fornecida pela neurociência as teses Freud também comprovam a grandeza do pensamento de Pascal. Entretanto tal fato não significa dizer que o filósofo foi um precursor na psicologia ao tratar de razões desconhecidas da mente e das emoções que estão presentes numa simples aposta, quando antes de decidir, já se tem a decisão. Tais fatos situam no campo dos saberes a atualidade de um gênio filósofo que para chegar a uma apologia cristã, chegou antes a interioridade do seu ser, como Freud fez para chegar a interioridade de todos os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo referiu sobre a antropologia de Blaise Pascal, fundamentada em seu projeto apologético sob a luz da grandeza e da miséria humana. Mostrando os limites fundamentais do ceticismo (miséria) e do estoicismo (grandeza) que fazem do homem, na visão do filósofo, ser tudo em relação ao nada e ao mesmo tempo nada em relação ao tudo.

No desejo de encontrar a Deus, Pascal antes encontrou consigo mesmo, com tamanha pujança que ao expor a dualidade caótica de seu ser é possível unir a trama de sua vida a urdidura própria da psicanálise de Freud. Freud e Pascal passaram por um mesmo caminho, apesar de cada um visar uma meta diferente. Freud encetando sobre o homem para chegar a sua interioridade; Pascal encetando sobre a interioridade para chegar a Deus.

66

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia de Jerusalém. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

CÉSAR, M. B. **O Escaravelho-coração nas práticas e rituais runerários do Antigo Egito.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

DESCARTES, R. **Discurso do método.** Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 3 ed. p. 29 -71 (Os pensadores).

FILHO, C. L. V. **A Clínica Geral da Nova Psicanálise: uma contribuição para o campo da saúde coletiva.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica.** São Paulo: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **O nascimento da medicina social.** In: **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979 18 ed. p. 79-98.

Freud, S. **Fragments da análise de um caso de histeria.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

Freud, S. **Die Traumdeutung em Studienausgabe.** Frankfur: Fischer, 1982.

GUILLAUMONT, A. **Le sens des noms du coeur dans l'Antiquité**. Le Coeur: Études Carmelitaines Paris: Desclée de Brouwer, 1950. p. 41-81.

MAGNARDI, P. **Vocabulário de Pascal**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Coleção vocabulário dos filósofos).

MORA, J. F. **Diccionario de filosofia, tomo II**. Tradução de Maria Gonçalves, Adail Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nymi. São Paulo. Edições Loyola, 2001. p. 1579-1581.

Moraes, F.C. **As razões do coração, um estudo sobre a centralidade do coração em pascal**. São Paulo: Universidade de São Paulo: 2016.

PASCAL, B. **Os Pensamentos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 1. ed. (Coleção os pensadores).

PEREIRA, S. J. I. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Braga: Livraria Apóstolo da Imprensa, 1998. 8 ed. p. 638.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. p. 82-87.

PONDÉ, L. F. **O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana**. São Paulo: Editora USP, 2014. 1 ed. (Coleção ensaios de cultura)

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: de Spinoza a Kant**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: São Paulo: Paulus: 2007. 2 ed. P. 156-190.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

VIGOUROUX, F. G. **Dictionnaire de la Bible**. Vol 2. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1912 apud Moraes, F.C. **As razões do coração, um estudo sobre a centralidade do coração em pascal**. São Paulo: Universidade de São Paulo: 2016.

SPENGLER, J. **Espírito de geometria e espírito de finesse**. Revista filosófica São Boaventura, v. 3, n. 1, jan.- jun. 2010, p. 61-73.